

---

*Universidade Católica de São Paulo*

## O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)

autora      Diana Gonçalves Vidal  
cidade      Bragança Paulista  
editora     EDUSF  
ano         2001

O livro constitui a publicação, na íntegra, da tese de doutorado da autora, defendida em 1999, no programa de pós-graduação em educação da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação de Marta Carvalho.

O trabalho de Diana tem como temática o estudo das práticas de formação docente presentes num espaço modelar: o Instituto de Educação do Distrito Federal. Sua periodização contempla o momento situado entre 1932 e 1937, em que a instituição afirmou-se como *locus* de experimentação e construção de práticas escolanovistas, sob a direção de Fernando de Azevedo e, posteriormente, Anísio Teixeira.

Tendo em vista tal objeto, a pesquisa situa-se na confluência (ou entrecruzamento) de diferentes tradições de investigação em história da educação: o estudo das teorias pedagógicas – tendo como foco a Escola Nova, da profissão docente – centrando-se na sua formação, a análise das práticas sociais de letramento – tendo como cenário sua inserção no espaço escolar do Instituto.

O trabalho da autora contribui ao articular tais temáticas, a partir de uma perspectiva historiográfica fundada na Nova História e, mais exatamente, a história cultural. Não se proclama uma filiação teórica ao longo do texto, nem se desenvolve uma apresentação da perspectiva metodológica utilizada. Ao contrário, a sólida fundamentação conceitual emana da pesquisa. Ao lançar mão de uma multiplicidade de fontes primárias (entrevistas, leis, decretos, regu-

lamentos, programas, plantas arquitetônicas, correspondências, fotografias, livros, revistas, artigos etc.), é possível construir um retrato do Instituto de Educação, em seu cotidiano, tendo como referência a apropriação do ideário escolanovista, através da institucionalização de práticas que materializassem seus pressupostos.

Ao mesmo tempo, os diferentes atores se fazem presentes, resgatando-se o discurso institucional, a fala das alunas e professores, da direção. Tal polifonia é que irá dar sustentação ao trabalho, em que as análises se mostram diretamente articuladas e sustentadas na garimpagem, entrecruzamento e interpretação das fontes.

É importante destacar essa questão, na medida em que grande parte da produção mais recente da história da educação no Brasil busca afirmar e proclamar sua filiação as correntes historiográficas contemporâneas, principalmente recorrendo à história cultural de Roger Chartier, citando ou parafrazeando trechos dos autores, de maneira que certifique o leitor dessa filiação teórica. A autora supera tal perspectiva, dando a ver, em sua construção textual, o referencial teórico – metodológico que a sustenta. Assim é que a centralidade do estudo das práticas, a ênfase na apropriação dos discursos, a análise das materialidades que conferiam sentido ao projeto de formação docente, afirmam-se como eixos da investigação.

O período histórico (e/ou objeto contemplado), a Escola Nova, traz alguns embaraços ao pesquisador da história da educação brasileira. O projeto escolanovista constitui talvez o período e objeto mais estudado nos trabalhos da área. Se isso permite ao investigador uma substantiva produção a partir da qual ancorar suas análises, por outro, encerra o perigo da repetição dos mesmos pressupostos já estabelecidos sobre o tema, aplicados a um aspecto ainda não contemplado. O trabalho de Diana supera tal percalço através de uma sólida e minuciosa investigação que faz emergir o conjunto de práticas que conferiam sentido ao projeto escolanovista, no interior de um espaço de formação docente.

Assim é que a investigação se insere numa tradição de estudos sobre a Escola Nova, lançando, no entanto, um olhar diferenciado sobre o tema, que contribui para superar análises estabelecidas. Tal tradição de estudos é marcada por permanências e rupturas na perspectiva de compreensão do projeto escolanovista, que cabem ser mais bem compreendidas.

Por muito tempo, os estudos ficaram presos ao discurso oficial ou jurídico, a partir da leitura construída pelos principais teóricos desse movimento de renovação sobre seu lugar na história da educação brasileira. Como demonstram os trabalhos de Marta Carvalho, autores como Fernando de Azevedo produziram uma leitura sobre a educação em que o movimento escolanovista aparece como produção do novo, em completa ruptura com um passado de atraso e ignorância. Posteriormente, estudos ancorados numa visão fundada numa perspectiva de cunho sociológico tomaram o movimento escolanovista como expressão pedagógica do ideário socioliberal de seus formuladores, estabelecendo uma leitura mecanicista do mesmo.

Mais recentemente, uma série de estudos, referidos numa perspectiva historiográfica de recurso sistemático a fontes primárias anteriormente desconsideradas, bem como a investigação dos fenômenos educativos contemplando a longa duração, produziu um olhar diferenciado. Nesse, a Escola Nova é compreendida no interior de uma série de movimentos históricos de renovação da educação voltados para a constituição de uma modernidade pedagógica. Tal modernidade, em sintonia com as transformações vividas nas sociedades ocidentais nos últimos três séculos, buscava produzir um projeto de formação das novas gerações, através de sua escolarização.

Ao mesmo tempo, essa tradição de construção de uma modernidade pedagógica se deu marcada por sucessivas rupturas. É no interior desse movimento de permanências e deslocamentos que a Escola Nova adquire sentido e afirma sua singularidade.

No trabalho da autora, por outro, destaca-se que a Escola Nova não constituiu um movimento único e homogêneo. A investigação busca dar visibilidade às significativas diferenças entre os principais atores voltados para a produção e circulação do ideário escolanovista. O trabalho confere centralidade à apresentação e análise das visões diversas que produziram acerca do lugar social da escola, sua organização e as estratégias de reformulação das práticas pedagógicas, bem como da formulação de um projeto de formação docente.

Assim é que a perspectiva desenvolvida pela autora se mostra em diálogo com a recente produção historiográfica sobre a Escola Nova brasileira, a qual vem permitindo ressignificá-la, compreendendo tanto sua continuidade e ruptura em relação a movimentos pedagógicos anteriores, como contemplando as singularidades dos diversos projetos postos em cena no período.

Destaca-se, no caso dessa pesquisa, a análise das práticas desenvolvidas sob a direção de Anísio Teixeira, à frente da instituição, voltado para “a constante reflexão sobre o fazer” (p. 250) e as de Fernando de Azevedo, que o antecedeu, de ensino com uma sólida fundamentação científica, que deram origem a dispositivos diferenciados de formação, fazendo com que práticas fossem secundarizadas, abandonadas ou substituídas ao longo do período investigado.

No interior do projeto escolanovista, a pesquisa contempla a profissão docente, em sua formação, outro eixo de investigações sistematicamente analisado na produção historiográfica mais recente. O estudo confere visibilidade a ousadia do projeto de formação de professores, principalmente na gestão Anísio Teixeira, caracterizado pela organicidade, sistematicidade e articulação da proposta em cena. Através do estudo da autora é possível perceber os dispositivos acionados pelos responsáveis pela escola, dispositivos esses voltados para a formação de um professor – pesquisador, cujas relações com o conhecimento deveriam ser mediadas pelo constante e sistemático contato com o escrito, através de variadas práticas de letramento, que se mostravam marcantes na escola.

Evidencia-se como no cotidiano da instituição, pretendia-se o que a autora chama de exercício disciplinado do olhar, quer seja: “fosse o olhar sobre a criança, sobre as relações ensino–aprendizagem ou sobre o estudo dos textos, suporte de uma prática laboratorial que transformava o aluno em pesquisador e em objeto de pesquisa; o ensino em técnica e em permanente crítica”. Emerge do trabalho a formação de um professor munido de conhecimentos rigorosos nos diferentes campos da educação, ao mesmo tempo que capaz de aliar a prática à reflexão, com a leitura e produção de artigos e monografias, material que possibilitasse uma reflexão sistemática, principalmente sobre o aluno.

A Escola Normal é retratada não como conjunto de princípios desvinculados das ações cotidianas da instituição, mas como sistema de práticas, cujo sentido articulava-se com uma proposta de formação desse professor-pesquisador. A constituição de diferentes dispositivos de experimentação e pesquisa não constituíam recursos erráticos, ou iniciativas fugazes, mas através do estudo de Diana evidencia-se a organicidade e coerência da proposta de formação, uma das estratégias fundamentais postas em cena no período de reformulação das

práticas escolares sob a égide da Escola Nova. A instituição, percebida como espaço modelar, era pensada como *locus* de irradiação para o grosso do professorado e, sendo assim, eram formulados dispositivos de interlocução com os demais espaços escolares.

Ao mesmo tempo, evidencia-se que o projeto posto em cena não se sustentava numa proposta de formação de professores que tivesse em conta as professoras concretas que ministravam aulas no Distrito Federal, ou que pretendiam ingressar na carreira docente. Ao formular um currículo voltado para uma formação de cinco anos de duração, com rígidos critérios de seleção para entrada na escola (até mesmo com a utilização de referenciais antropométricos), com exigência de aproveitamento superior aos demais espaços de formação, evidencia-se a concepção de constituição de um *corpus* profissional elitizado, distinto do grosso do professorado. É tal contradição que irá contribuir para o progressivo malogro ou abandono da arquitetura do modelo de formação pensado principalmente por Anísio Teixeira, embora marcas residuais tenham permanecido ao longo da história da instituição.

Pensando na tradição de estudos sobre história da formação docente, verifica-se que as Escolas Normais, instituídas ainda que precariamente ao longo do século XIX, afirmaram-se como espaços privilegiados de qualificação profissional. Os diversos e sucessivos programas de formação, à parte suas significativas diferenças, tiveram em comum a transmissão de saberes e metodologias pedagógicas vinculadas sob o apanágio do novo, do moderno, em ruptura com os saberes da tradição, advindos da experiência do professorado, desqualificados e identificados com o passado ou a ignorância.

Ao longo da história dos espaços de formação docente, deu-se o progressivo adensamento e sofisticação dos conhecimentos transmitidos no interior desses espaços, com a conformação de currículos, a entrada de novas disciplinas, que iriam exigir um tempo cada vez maior dedicado à formação do professorado. A especialização dessa formação iria marcar uma diferenciação entre os professores formados nas instituições e os que não tiveram uma qualificação oficializada.

Com a Escola Nova, a formação docente afirmou-se como central para a consolidação de sua proposta, sendo que no Instituto de Educação, sob a gestão de Anísio Teixeira o curso era elevado à

formação superior. Com isso, reforçava-se a elitização da formação pretendida e seu fosso em relação ao conjunto do professorado.

Tal experiência, marcada pelo arrojo de sua concepção e como aponta a autora, uma cetra arrogância na articulação do projeto foi progressivamente perdendo fôlego, não apenas pela demissão de Anísio Teixeira, mas sob efeito da implementação do Estado Novo. Continuaram alguns aspectos da instituição, realizados de forma irregular e residual, num curso agora em nível secundário e não mais superior, demonstrando o caráter descontínuo dos processos de formação docente postos em cena no Brasil.

Em tempos de discussão quanto ao projeto de formação docente na contemporaneidade brasileira é enriquecedor lançar o olhar sobre as nossas “normalistas, vestidas de azul e branco, trazendo um sorriso franco no rostinho encantador”, como cantava a música. Ou ao perturbarem, com seus ares modernos, o cotidiano do poeta provinciano, no dizer de Drummond e pensar nas permanências e rupturas no processo de constituição da identidade desse sujeito social.

*Maria Cristina Soares de Gouvêa*  
*Professora da Faculdade de Educação da Universidade*  
*Federal de Minas Gerais (UFMG)*